

DOS ÍNDIOS ÀS ELITES



DANIEL MENDES FOTOGRAFIA

Rio Ceará

VALDECI ROLIM

APRESENTAÇÃO.....	
PREFÁCIO.....	

COLÔNIA

1- INÍCIO DA OCUPAÇÃO.....	
2- A ECONOMIA COLONIAL CEARENSE.....	
3 - OS INDÍGENAS DO CEARÁ.....	
4 - A IGREJA COLONIAL NO CEARÁ	
5 – O CEARÁ E A VINCULAÇÃO A PERNAMBUCO.....	
6 - O CEARÁ EMANCIPADO.....	
7- O CEARÁ E A REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA DE 1817.....	

IMPÉRIO

8- O CEARÁ NA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL.....	
9- A CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR.....	
10- A SEDIÇÃO DE PINTO MADEIRA.....	
11- O CEARÁ REGENCIAL.....	
12- POLÍTICA E INTELLECTUALIDADE NO SEGUNDO REINADO.....	
13- ECONOMIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX.....	
14 – HEGEMONIA DE FORTALEZA	
15 – ESCRAVIDÃO NEGRA E ABOLICIONISMO DO CEARÁ.....	
16 – OS SERTÕES.....	

REPÚBLICA

17- CEARÁ E A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA.....	
18 - A OLIGAQUIA ACCIOLYNA.....	
19 – PADRE CÍCERO E O MILAGRE DE JUAZEIRO.....	
20 – A SEDIÇÃO DE JUAZEIRO.....	
21 – O CEARÁ NA CRISE DA PRIMEIRA REPÚBLICA.....	
22 – MOVIMENTO OPERÁRIO CEARENSE NA PRIMEIRA REPÚBLICA.....	
23 – O CEARÁ NA ERA VARGAS.....	
24 A LEGIÃO CEARENSE DO TRABALHO.....	
25 O CALDEIRÃO.....	
26 – A REDEMOCRATIZAÇÃO DE 1945 NO CEARÁ.....	

CONTEMPORANEIDADE

27 – A REPÚBLICA LIBERAL-DEMOCRÁTICA DE 1945/1964 NO CEARÁ E A METROPOLIZAÇÃO DE FORTALEZA.....	
28 – O CEARÁ E A DITADURA MILITAR.....	
29 – O CICLO DOS CORONÉIS.....	
30 – A GERAÇÃO CAMBEBA.....	
31 – O PÓS-CAMBEBA.....	
32 – CULTURA E FUTEBOL NO SÉCULO XX.....	

PREFÁCIO

É melhor escrever errado
a coisa certa
do que escrever certo
a coisa errada...

PATATIVA DO ASSARÉ

Depois de ler um dos livros mais recente do professor e mestre Airton de Farias, “História do Ceará” publicado no ano 2018 sua 7ª edição, com um pouco mais de 600 página, tive a audácia de simplificar em um pouco menos da metade de suas páginas reescrevendo suas páginas e acabei por omitir trechos e até páginas que na minha opinião não era muito relevante para um leigo que estivesse pela primeira vez contato com a História do Ceará. Tais como: assunto não relevante, palavras de difícil vocabulário foi traduzida para uma população menos erudita, não me contive em fazer uma reflexão sobre determinado assunto e acrescentei um cronograma de acordo com alinha do tempo de todos os governantes desde a origem até o atual.

Os temas em capítulos não foram modificados, achei de grande relevância todos eles, por essa razão procurei ser fiel. No geral o texto é o mesmo, apenas usei um outro livro do mesmo autor, Airton de Farias História do Ceará dos Índios à Geração Cambeba.

O mesmo mestre, menciona e não posso deixar de ressaltar as três gerações que colaboraram com a historiografia cearense.

Nos meados do século XIX, com os pioneiros: Tristão de Alencar Araripe, “História da Província do Ceará”(1850); Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, “Ensaio Estatístico da Província do Ceará”(1853); o Jornalista João Brígido, “Resumo Cronológico para a História do Ceará” (1864) e Pedro Theberge, “Esboço Histórico sobre a Província do Ceará”(1869).

Na segunda geração, temos: o Barão de Stuart “Dados e Fatos para a História do Ceará” (1896) , Paulino Nogumeira (Presidentes do Ceará durante a Monarquia), Joaquim Catunda (Estudos sobre História do Ceará) – 1886, e Antônio Bezerra (Algumas Origens do Ceará) – 1901.

Por fim, Thomaz Pompeu Sobrinho (Pré-história Cearense - 1955), Eusébio de Sousa (História militar do Ceará – 1950), Carlos Studart Filho (Os aborígenes do Ceará – 1962), Dolor Barreira (História da Literatura Cearense – 1962), José Aurélio Saraiva Câmara (Fatos e Documentos do Ceará Provincial – 1970), e principalmente, Raimundo Girão, um dos mais respeitados intelectuais cearense do século XX, obras como: História Econômica do Ceará (1974), Pequena História do Ceará (1953), Matias Beck, Fundador de Fortaleza (1961), entre várias outras. A História do Ceará não seria contada e lida pelos cearenses sem esse figuras acima mencionada, daí a importância de lembrá-los aqui.

Espero que este trabalho passa ajudar e contribuir para uma melhor compreensão da História do Ceará, uma História construída por todos e não somente pelos nomes que foram mencionados aqui , mas sobretudo por aqueles aqui não citados, pessoas que até perderam suas vidas para que estes nomes ilustres fossem lembrados.

O autor

1- INÍCIO DA OCUPAÇÃO

O nome Ceará, passou de rio à capitania (colônia em 1799), à província (império 1922) ao Estado (república 1889), é de origem incerta, sendo escrito com “S” Siará no século XVII. A palavra Ciará do idioma indígena significa “canto da jandaia” do Tupi “canto forte” de Ara “pequeno Periquito” ou suíçara “abundancia de caça” ou uma deturpação do Tupi Ciri-Ará, significa Ciri “andar para trás” e Ará “branco” ou seja “caranguejo branco” ou ainda uma variação ao Saara (deserto africano). (Enciclopédia Mirador Vol. I SP)

AS TENTATIVAS DE CONQUISTA (INVASÃO)

Donatário da Capitania

Nº	Nome	Início do mandato	Término do mandato
1	Antônio Cardoso de Barros	1531	1556

Nos 30 anos após a chegada de Pedro Álvares Cabral (1500-1530) o Brasil ficou esquecido, por não despertar lucros como as especiarias orientais. Foi apenas a partir de 1530 que Portugal, por vários motivos, decidiu colonizar o Brasil. Entre eles, o declínio do comércio com as índias e o medo de perder o Brasil para outros povos. Essa ocupação não passava do litoral de Pernambuco ao Rio de Janeiro: o ciclo da cana-de-açúcar.

Mas o Ceará ficou esquecido todo século XVI. Qual razão? Autores apontam as correntes aéreas e marítimas que dificultavam o acesso a costa, a oposição dos índios a aridez do solo e presença de estrangeiros entre outros. Mas o motivo principal foi a falta de atrativos econômicos metais e plantio em larga escala tudo que despertava cobiça a metrópole mercantilista.

A maior prova do abandono cearense está no sistema de capitanias hereditária em 1534. O donatário do “Siará Grande”, Antônio Cardoso de Barros, nunca se interessou por essas terras onde jamais pôs os pés, embora tenha ocupado o cargo de provedor-mor na Bahia no governo de Tomé de Sousa. Faleceu em 1556, no naufrágio com o primeiro bispo do Brasil Dom Paro Fernandes Sardinha, devorado pelos índios Caetés, após naufrágio na costa de Alagoas. Outros aventureiros estiveram no Ceará praticando escambo antes de Cabral chegar ao Brasil em abril (1500). Foi o espanhol Vicente Yanez Pinzon esteve e no Mucuripe em fevereiro de 1500 e no Aracati.

Capitães-mores do Ceará Colonial: posse de terra

Nº	Nome	Início do mandato	Término do mandato	Observações
2	Pero Coelho de Sousa	16 de abril de 1603	30 de junho de 1611	
3	Martim Soares Moreno	30 de junho de 1611	20 de abril 1613	
4	Manuel de Brito Freire	20 de abril 1613	3 de junho de 1621	

Em 1603 houve a primeira tentativa oficial de ocupação do Ceará, com Pero Coelho de Sousa que obteve do 8º governador-geral, Diogo Botelho, a patente de capitão-mor e o direito de explorar o rio Jaguaribe.

Pero Coelho partiu da Paraíba à frente de 200 índios “mansos” e 65 soldados entre os quais o jovem Martins Soares Moreno. Atingiu a serra de Ibiapaba e travou combate com índios e aliados franceses. Tentou seguir para o Maranhão, mas só atingiram o rio Parnaíba (Piauí) a

fome e o cansaço de seus homens recusaram-se a prosseguir viagem. Retornaram ao rio Ceará e fundou o forte de São Tiago. Atacados retiraram-se para o rio Jaguaribe. Mas a pesada seca de (1605-1607) e constantes ataques indígenas levaram Pedro Coelho deixar o Siará. Na dolorosa caminhada até Natal (RN) pereceram de fome e sede alguns soldados e seu filho mais velho. Depois seguiu para Paraíba e Europa onde faleceu em Lisboa, pobre, após reclamar seus serviços prestados nas terras cearenses.

Outra tentativa não oficial foi a dos padres jesuítas, Francisco Pinto e Luís Figueiras, que partiram de Pernambuco em janeiro de 1607 pela foz do rio Jaguaribe com 60 índios já “catequisados” rumo a Ibiapaba, onde iniciaram o trabalho catequético mas foram atacados em janeiro de 1608 pelos índios Tacarijus, Francisco Pinto foi trucidado pelos nativos e Luís Figueiras conseguiu fugir dirigindo-se ao rio Ceará depois Rio Grande do Norte. Anos depois, na ilha de Marajó, foi vítima de naufrago foi devorado pelos índios Aruãs. (SANTOS, 2003)

FUNDDADOR DO CEARÁ

Em fins de 1611, Martins Soares Moreno, acompanhado de um padre e seis soldados, regressa ao Ceará para tomar posse da capitania. Funda o forte de São Sebastião, ali chegou a degolar mais de 200 piratas franceses e holandeses, tomando-lhes três navios.

Em 1613, Moreno foi convocado para combater a França Equinocial no Maranhão. Após a expulsão dos franceses do Maranhão em 1615, e vários incidentes e desventuras, Moreno voltou ao Ceará em 1621 como capitão-mor. Na sua ausência, a capitania foi governada sucessivamente por Estêvão de Campos (1613), Manuel de Brito Freire (1614) e Domingos Lopes Lobo (1617). Não há consenso sobre quem assumiu após Moreno, mas este volta ao Brasil em 1619, com a carta-patente de capitão-mor do Ceará por 10 anos.

Capitães-mores do Ceará Colonial: Ceará subordinado ao Maranhão

Nº	Nome	Início do mandato	Término do mandato	Observações
5	Martim Soares Moreno	3 de junho de 1621	20 de dezembro de 1631	
6	Domingos da Veiga Cabral	20 de dezembro de 1631	22 de abril de 1637	
7	Diogo Coelho de Albuquerque	22 de abril de 1637	21 de junho de 1640	

Moreno assume o posto em 1621 nele permanecendo até 1631, quando termina o seu mandato e é chamado para lutar contra o invasor holandês em Pernambuco. Foi substituído por seu sobrinho, Domingos da Veiga Cabral que teria vindo do da capitania do Rio Grande do Norte onde era capitão -mor, onde fica 1637 quando faleceu. Diogo Coelho de Albuquerque o sucedeu no cargo.

HOLANDESES NO CEARÁ

Capitães-mores do Ceará Colonial: Ceará-Neerlandês

Nº	Nome	Início do mandato	Término do mandato	Observações
9	Gedeon Morris	21 de junho de 1640	15 de novembro de 1649	
8	Matias Beck	15 de novembro de 1649	23 de outubro de 1654	

Os holandeses invadiram o nordeste brasileiro por duas vezes, na Bahia em 1624 e Pernambuco, no período de 1630-1654, estendendo seu domínio para outras capitanias como Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e o Ceará.

Em 1637, 126 homens comandados por George Gartsman desembarcaram no Mucuripe, dirigindo-se para o rio Siará na companhia de diversos índios, conquistando o fortim São Sebastião. Gartsman conduziu os portugueses prisioneiros para o Rio Grande do Norte. E o comando do fortim passou para Gedeon Morris. Com o tempo os índios perceberam que as práticas brutais dos holandeses não eram diferentes das dos portugueses e revoltaram-se. Em 1644, invadiram o forte São Sebastião trucidando todos os flamengos. A terra voltou aos seus donos.

Mas em 1649, Matias Beck, desembarcou no Ceará às margens do rio Pajeú e ergueu o forte Schoonemborch, em homenagem ao governador do Brasil –holandês.

Capitães-mores do Ceará Colonial: Ceará subordinado ao Maranhão (1621-1656)

Nº	Nome	Início do mandato	Término do mandato	Observações
10	Álvaro de Azevedo Barreto	23 de outubro de 1654	7 de agosto de 1655	
11	Domingos Sá Barbosa	7 de agosto de 1655	1º de maio de 1659	

Com a expulsão dos holandeses de Pernambuco em 1654, Beck retira-se do Ceará. E os portugueses através do capitão – mor Álvaro de Azevedo Barreto retoma a colonização, mudando o nome de forte de Schoonemborch para Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção da qual depois se desenvolveu-se a cidade de Fortaleza.

Desligado do Estado do Maranhão ao qual estava desde 1621, o Ceará passa a partir de 1656 a ser subordinado a Pernambuco até 1799, 143 anos. Quando passa a ser capitania autônoma. É quando o Ceará deixa o acanhado desenvolvimento em volta do forte, devido este período de subordinação e desenvolve a pecuária e o interior.

O rei dom João IV expediu a patente de capitão da Fortaleza do Ceará a Domingos de Sá Barbosa. Recebeu o forte das mãos dos holandeses o português Álvaro de Azevedo Barreto, que fez alguns reparos e construiu uma ermida dedicada a Nossa Senhora d'Assunção.

Capitães-mores do Ceará Colonial: Ceará subordinado a Pernambuco(1656-1799)

Nº	Nome	Início do mandato	Término do mandato	Observações
12	Antônio Fernandes Menxica	1º de maio de 1659	12 de dezembro de 1660	
13	Diogo Coelho de Albuquerque	12 de dezembro de 1660	14 de dezembro de 1663	
14	João de Melo de Gusmão	14 de dezembro de 1663	24 de novembro de 1666	
15	João Tavares de Almeida	24 de novembro de 1666	21 de julho de 1671	

16	Jorge Correia da Silva	21 de julho de 1671	5 de dezembro de 1673	
17	João Tavares de Almeida	5 de dezembro de 1673	21 de novembro de 1674	
18	Bento Correia de Figueiredo	21 de novembro de 1674	25 de setembro de 1678	
19	Sebastião de Sá	25 de setembro de 1678	8 de novembro de 1682	
20	Bento de Macedo de Faria	8 de novembro de 1682	16 de junho de 1684	
21	Sebastião de Sá	16 de junho de 1684	6 de junho de 1687	
22	Tomás Cabral de Olival	6 de junho de 1687	17 de outubro de 1693	
23	Fernão Carrilho	17 de outubro de 1693	1º de dezembro de 1695	
24	Pedro Lelou	1º de dezembro de 1695	8 de outubro de 1698	
25	João Freitas da Cunha	8 de outubro de 1698	1º de novembro de 1699	
26	Francisco Gil Ribeiro	1º de novembro de 1699	30 de novembro de 1699	
27	Fernão Carrilho	30 de novembro de 1699	7 de dezembro de 1699	
28	Jorge de Barros Leite	7 de dezembro de 1699	1º de janeiro de 1704	
29	João da Mota	1º de janeiro de 1704	5 de novembro de 1704	
30	Gabriel da Silva Lago	5 de novembro de 1704	25 de agosto de 1710	
31	Francisco Duarte de Vasconcelos	25 de agosto de 1710	30 de agosto de 1715	
32	Manoel da Fonseca Jaime	30 de agosto de 1715	1º de novembro de 1718	
33	Salvador Alves da Silva	1º de novembro de 1718	9 de novembro de 1721	
34	Manoel Francês	9 de novembro de 1721	11 de janeiro de 1727	
35	João Baptista Furtado	11 de janeiro de 1727	1º de julho de 1729	
36	Leonel de Abreu Lima	1º de julho de 1729	11 de março de 1735	
37	Domingos Simões Jordão	11 de março de 1735	7 de setembro de 1739	

38	Francisco Ximenes de Aragão	7 de setembro de 1739	2 de fevereiro de 1743	
39	João de Teive Barreto e Menezes	2 de fevereiro de 1743	17 de agosto de 1746	
40	Francisco de Miranda Costa	17 de agosto de 1746	10 de outubro de 1748	
41	Pedro de Moraes Magalhães	10 de outubro de 1748	18 de agosto de 1751	
42	Luís Quaresma Dourado	18 de agosto de 1751	22 de abril de 1755	
43	Francisco Xavier de Miranda Henriques	22 de abril de 1755	11 de janeiro de 1759	
44	João Baltasar Quevedo Homem de Magalhães	11 de janeiro de 1759	25 de abril de 1765	
45	Antônio José Vitoriano Borges da Fonseca	25 de abril de 1765	11 de maio de 1782	
46	João Baptista de Azevedo Coutinho de Montauri	11 de maio de 1782	9 de novembro de 1789	
47	Luiz da Motta Feo e Torres	9 de novembro de 1789	21 de agosto de 1799	

2 - A ECONOMIA COLONIAL CEARENSE

A PECUÁRIA

A expulsão dos holandeses em 1654 de Pernambuco ocasionou uma crise na economia, devastação nos canaviais, concorrência nas Antilhas, e fez com que as autoridades através da Carta Régia que proibia a criação de gado a menos de 10 léguas da costa, e oficializou a política de interiorização da pecuária, a partir de duas: a do Sertão de Fora, dominada por pernambucanos e a de Sertão de Dentro, controlada por baianos. No Ceará essas duas correntes se encontravam. E acontece aqui as primeiras expropriações dos territórios indígenas e lutas entre estes e colonos. A conquista nos sertões cearenses foi relativamente rápida.



Após os 30 primeiros anos do século XVIII, já eram amplas as áreas apropriadas pelos colonos. Embora esse gado representasse 5% do valor das exportações do açúcar.

A expansão da pecuária ligou-se a vários fatores: a demanda dos mercados da Zona da Mata (Pernambuco e Bahia) e região das Minas Gerais, aquisição de sesmarias, a presença permanente de água e um produto que se autotransportava.

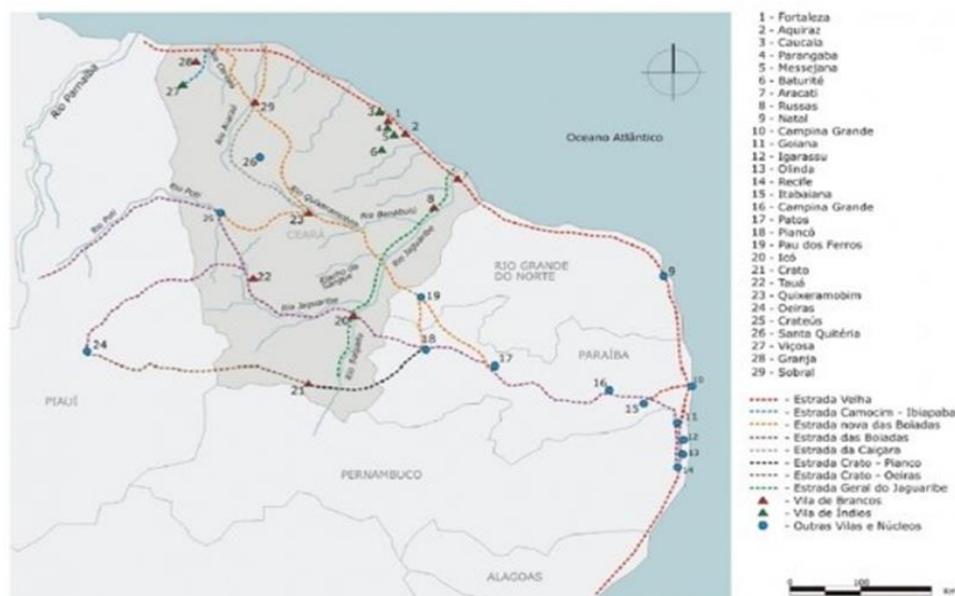
A MÃO DE OBRA:

Na pecuária a mão de obra era livre, tornava difícil a vigilância além disso a pobreza da capitania cearense ligada ao alto preço do africano, para se ter uma ideia em 1719 um negro equivalia a 47 bois. Possuir um negro era símbolo de status. Como a pecuária exigia poucos trabalhadores havia grande oferta de mão de obra livre de baixo custo. A cada decênio havia uma grande seca dizimando rebanhos e migração de proprietários. A primeira fase do regime pastoril era em que o vaqueiro administrava a fazenda a segunda em que era habitada pelo dono e agregados eram residências enormes, baixas e mal iluminadas de vastos alpendres. A mobília era rustica. Próximos à fazenda ficava o curral e a casa de farinha, nas terras da fazenda ficavam as casas dos parentes e agregado e a modesta casa do vaqueiro, que, depois de alguns meses, pelo seu trabalho recebia um bezerro a cada quatro que nascia, (quarteação) e futuramente ele montaria sua pequena fazenda.

OS CAMINHOS SERTANEJOS

As ricas áreas açucareiras de Pernambuco e Bahia, bem como a região aurífera das Minas Gerais eram os grandes mercados consumidores de carne bovina. Na capitania do Ceará criou-se um movimento de boiadas em direção a essas regiões pelas estradas sertanejas precárias de origem indígenas ou surgidas conforme as necessidades intrarregional.

As boiadas, de 100 a 300 cabeças conduzidas por “tangedores” sob sol escaldantes enfrentando a caatinga, longas viagens, feras, ataques indígenas, água e a carência de pastos durante a viagem. Tinha que enfrentar atoleiros quase intransponíveis dos invernos pesados. Os “tangerinos” andavam armados e eram tidos como homens destemidos. Muitos animais morriam no percurso ou emagreciam demais que acabavam vendidos por preços aviltantes nos mercados de destino.



Nos cruzamentos das estradas ou em pontos ao longo delas em que havia melhores pastos fontes d'águas encontravam-se fazendas onde os "tangerinos" paravam para comer, descansar e alimentar os rebanhos. Nesses locais brotaram sítios e povoados, que deram origem a cidades atuais, como Icó; Sobral e Quixaramobim. Nesses povoados era comum pessoas comprarem por preços baixos animais debilitados incapazes de continuarem a caminhada e recuperavam-no e vendiam por bom preço a um novo rebanho que passasse na região.

CHARQUEADAS

A venda do gado para outras capitanias, não eram tão lucrativas, como vimos, mortes, perdas, ataques selvagens assaltos e emagrecimento além dos impostos ao deixar a capitania ou nas feiras. Por tais razões, a partir da segunda metade do século XVIII, os fazendeiros do litoral passaram a vender a matéria-prima já industrialmente preparada, reduzindo a carne a mantas conservada pelo sal e capazes de resistir, sem deterioração, a longas viagens.

Surgiram assim as chamadas fabricas de charques, que pelo resto do século XVIII, foi o principal produto do comércio da capitania, vendido para Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro, outro fator que contribuiu para as charqueadas no Ceará, foi os interesses das elites de Pernambuco em usar o charque no tráfico negreiro internacional (África).

Durante a Guerra dos Sete Anos, entre Inglaterra e França, o charque foi enviado para Portugal para servir de alimento das tropas. Uma primeira remessa de 70 toneladas em 1761 e outra no ano seguinte com a mesma quantidade.

Historiadores sugerem a possibilidades da origem do charque está na adaptação de técnicas indígenas de conservação da carne. Outros em virtude da retirada do couro que interessava bastante aos habitantes locais pelo largo uso na confecção de objetos do cotidiano. Fazia-se necessário aproveitar e conservar "o resto", das carnes, evitando que apodrecessem.

Destacam-se como centros charqueadores: Aracati (rio Jaguaribe), Acaraú (rio Acaraú), Granja e Camocim (rio Coreaú). Com isso a produção de couro cresceu no comercio colonial no século XVIII chegando a terceiro lugar nas exportações; servia para produzir calçados, moveis, arreios, selas e outros objetos pessoais.

Principais núcleos urbanos cearense até o século XIX foram Aracati, Icó e Sobral, Aracati que foi o primeiro centro de charqueada e na metade do século XVIII era o principal centro urbano do Ceará e chegou, inclusive, a ser cogitada para sediar a administração da capitania, Icó habitada pelos índios icós aldeado pelo padre João de Matos Serra, foi a primeira vila do interior e abastecia os sertões cearenses piauienses, rio-grandenses, paraibanos e pernambucanos, servindo como ponto de apoio das duas principais estradas da capitania. Sobral nasce a partir da fazenda Caiçara elevada à condição de vila "Distinta e Real de Sobral" Distinta porque era colonizada por brancos real porque foi criada por ordem direta do rei e sobral em homenagem ao parente do fundador da fazenda Caiçara natural de Sobral de Lagoa em Portugal.

DECADÊNCIA DAS CHARQUEADAS

A partir da última década do século XVIII, cita-se como causas para tal fenômeno as calamitosas secas 1777/1780 e de 1790/1793 reduziu drasticamente os rebanhos, outra razão a concorrência das charqueadas do Rio Grande do Sul. Conta-se que um charqueador aracatiense de nome José Pinto Martins diante das catastróficas secas retirou-se para terras gaúchas levando a técnica salgadeira. Outra causa foi o sertanejo ter passado a dedicar maior atenção ao cultivo do algodão, que marcaria profundamente a economia cearense a cotonicultura que abasteceria o mercado internacional sobretudo as fabricas têxteis da Inglaterra, que vivia sua primeira Revolução Industrial.